

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: O RESGATE DO PRIMEIRO COMPLEXO INDUSTRIAL TÊXTIL ALAGOANO, FERNÃO VELHO

Débora do Nascimento Oliveira¹

Joyce Caroline Cavalcante Pantaleão²

Mônica Peixoto Vianna³

Arquitetura e Urbanismo



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O artigo faz um levantamento e estudo da memória coletiva do primeiro complexo industrial têxtil alagoano, Fernão Velho, e daquela que ficou conhecida como “Fábrica Carmen”, analisando todos os vestígios da cultura industrial que possuam valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico e que ajudem no enquadramento do antigo núcleo operário como patrimônio industrial alagoano. Desta forma, o artigo mostra a criação da antiga “Companhia União Mercantil” (atual “Fábrica Carmen”) e do núcleo residencial operário de Fernão Velho; discorre sobre os conceitos de história e de memória, sobretudo a coletiva, e como ele se aplica ao atual bairro de Fernão Velho, para finalmente entender os conceitos de patrimônio material e imaterial e os elementos que caracterizam o chamado “patrimônio industrial têxtil”. Finalmente, o trabalho mostra a importância do resgate dessa memória coletiva, através de exemplares desse patrimônio industrial têxtil existentes atualmente no bairro, para a população local.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio industrial. Memória coletiva. Fernão Velho.

ABSTRACT

This article makes a survey and study of the collective memory of the first textile industrial complex in Alagoas, Fernão Velho, and of what became known as “Fábrica Carmen”, analyzing all traces of industrial culture that have historical, technological, social, architectural or scientific value and that help in framing the old workers’ nucleus as an industrial heritage in Alagoas. In this way, the article shows the creation of the former “Companhia União Mercantil” (now “Fábrica Carmen”) and the residential worker center in Fernão Velho; discusses the concepts of history and memory, especially the collective, and how it applies to the current neighborhood of Fernão Velho, to finally understand the concepts of material and immaterial heritage and the elements that characterize the so-called “industrial textile heritage”. Finally, the work shows the importance of rescuing this collective memory, through examples of this textile industrial heritage currently existing in the neighborhood, for the local population.

KEYWORDS

Industrial heritage. Collective memory. Fernão Velho.

1 INTRODUÇÃO

O primeiro complexo industrial têxtil da região Nordeste do Brasil foi a atual “Fábrica Carmen”, que originalmente chamava-se “Companhia União Mercantil”. Implantada em 1857 por José Antonio de Mendonça, época em que se deu um processo de várias turbulências econômicas no Brasil, que ainda possuía a maior parte de sua mão de obra concentrada no trabalho escravo. Esse fato fez com que a antiga “Companhia União Mercantil” se tornasse uma indústria de destaque e pioneirismo, tanto por conta de sua relação trabalhista e de organização social quanto pela sua grande produção de bens econômicos (MARINGONI, 2011).

A região em que foi implantada, localiza-se a noroeste da capital de Alagoas, às margens da Lagoa Mundaú, no atual bairro de Fernão Velho. Sua urbanização se deu quando Dom Pedro II concedeu uma sesmaria a Fernão Dias Velho, sendo os seus primeiros habitantes compostos basicamente por pescadores e coletores de mariscos (TICIANELI, 2016). Quando José Antônio de Mendonça – Barão de Jaraguá – comprou as terras após a morte do fundador do distrito, foi dado ao distrito industrial o nome de seu primeiro dono, forma encontrada para que ele pudesse ser homenageado.

A localização estratégica do bairro de Fernão Velho favoreceu muito todo o processo de desenvolvimento da fábrica e de sua vila operária. Afastada dos bairros já estabelecidos de Maceió, a vila operária que possuía características muito similares às vilas europeias, encontrou espaço adequado para ser instalada ao lado da fábrica, de forma que os trabalhadores pudessem ir ao trabalho sem precisar fazer grandes deslocamentos.

Além da praticidade, isso permitia um maior controle dos patrões com relação aos horários de trabalho e até mesmo a realização das atividades externas nos momentos de folga. De fato a Fábrica foi responsável por trazer desenvolvimento para a região, mas não só econômico, também ofereceu suporte para expansão da cultura e tradição do povo, por meio da produção de eventos públicos para celebração de datas importantes ou apenas para o lazer da comunidade, um exemplo era a festa de natal que era realizada tradicionalmente todos os anos e reunia todos os moradores do bairro.

A maioria das festividades acontecia no prédio do Recreio Operário, que foi construído quando o bairro já estava em domínio do grupo Othon. Hoje, o espaço ainda existe, porém, diferente do que acontecia antigamente os bailes e apresentações artísticas acontecem com muito menos frequência e são organizados pela associação e pelos próprios moradores que se engajam em lembrar e trazer para as novas gerações um pouco do que acontecia ali.

Além do que já foi mencionado, outro ponto de relevância em Fernão Velho foi a construção da linha ferroviária, que era uma grande necessidade por conta da distribuição de tecidos que acontecia nacional e internacionalmente. Ainda hoje o percurso do trem é feito para a região litorânea da Lagoa Mundaú, sendo o seu destino o histórico bairro Jaraguá; vale frisar que assim como Fernão Velho o bairro do Jaraguá também apresentava uma significativa relação comercial no seu passado.

Alguns anos depois do falecimento do primeiro proprietário da Fábrica, Barão de Jaraguá, a Companhia União Mercantil foi vendida. O novo patrão, José Teixeira de Machado esteve à frente da Fábrica por duas décadas, tempo em que implantou mudanças significativas, como a criação de novas instalações para acompanhar o processo de aumento da produção dos tecidos, o que acarretou novas contratações e conseqüentemente veio ampliar a vila operária para abrigar os novos funcionários. Esse momento foi de grande produtividade para toda a atividade têxtil do estado e projetou mundialmente o que era produzido em Alagoas.

Segundo Paiva Filho (2013), naquela época, acontecia a exposição do tecido em feiras internacionais, como a exposição de Turim na Itália e isso ajudou a mercadoria da região a ganhar mais respeito e competitividade no Brasil, o que era positivo não somente para Fernão Velho, mas também para outras companhias, como por exemplo a "Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos".

Depois de José Teixeira Machado, Doutor Antônio de Melo Machado e Doutor Arthur de Melo Machado, sucederam o pai até o ano de 1938, mantendo de maneira satisfatória as atividades da fábrica e todo o funcionamento do bairro. De acordo com Farias (2012), foi durante o ciclo mencionado anteriormente que o número de teares, por exemplo, se multiplicou significativamente de 80 para 1000, o que deixava claro o momento de excelência que vivia a indústria no início do século XX.

Embora esse crescimento fosse extremamente positivo, nem tudo se desenrolou bem para a companhia, já que começaram a existir divergências nas decisões dos proprietários. Essas situações conflitantes somadas ao fato de que a indústria têxtil brasileira estava vivenciando uma crise afetou diretamente Fernão Velho, fazendo com que a fábrica viesse a ser vendida em 1938 para a família Leão (FARIAS, 2012, p. 31).

Os novos donos ampliaram a Fábrica com novos maquinários e começaram a oferecer ainda mais suporte e assistência social aos operários. Criaram por exemplo uma quadra de jogos, onde os operários poderiam realizar eventos esportivos (FARIAS, 2012, p. 32). Isso gerou diversas oportunidades para participar de competições e complementar as formas de lazer. Além dos esportes, dos bailes e festas tradicionais que aconteciam, existia também o Cine Teatro São José onde passavam filmes clássicos e aconteciam apresentações com atores famosos da época, logo, percebe-se que o bairro era um local bastante animado e com boas opções de lazer.

Porém, em 1943, a família Leão vendeu a fábrica para o Grupo Othon. Uma das primeiras ações que o grupo tomou foi modificar o nome para Fábrica Carmen. O complexo fabril agora pertencente à nova família passou por importantes mudanças na infraestrutura, “como drenagem e calçamento do povoado” e a construção do Recreio Operário em 1948 (SILVA; PALMEIRA, 2010, p. 8). Othon Lynch Bezerra de Mello e seu grupo, foi o proprietário que passou mais tempo na direção dos trabalhos têxteis, vivenciando diversos momentos de positividade econômica, até o período sua decadência que acabou levando ao fechamento da Fábrica.

Alguns moradores relatam que o fechamento da Fábrica aconteceu principalmente pela falta de um maior investimento na modernização o que acabou por não permitir o acompanhamento do ritmo das outras fábricas brasileiras, mas isso divide opiniões.

Após o fechamento da Fábrica diversas pessoas do bairro ficaram sem trabalho, depois de passar grande parte da vida se dedicando ao trabalho fabril. Segundo Farias (2012), o Governo não deu nenhum suporte para os operários desempregados e, apesar da dificuldade para conseguir novas atividades, os homens ainda conseguiam com maior facilidade arrumar empregos temporários ou no ramo da construção civil, mas as mulheres em sua maioria não foram aceitas no mercado e ficaram sem grandes expectativas.

Atualmente, o bairro ainda sofre com o abandono do poder público em várias situações, como é o caso da coleta de lixo e limpeza geral do bairro, mas existem moradores que se dedicam muito em prol da realização de melhoramentos e preservação da memória do bairro. Algumas casas na vila operária ainda possuem características estéticas preservadas, outras foram modificadas e adequada para as necessidades dos moradores. A maior parte dos moradores do bairro está lá desde que trabalhava na Fábrica, mas já existem novas gerações e novos estilos de vida se formando.

A atividade econômica está principalmente concentrada em pequenos estabelecimentos comerciais no bairro, já que a pesca e coleta de mariscos foi muito afetada pela poluição da lagoa. Existe também na região um criatório de jacarés Mister Cayman, que tem exportado couro para o exterior e possui bastante potencial para expansão, prometendo futuramente empregar alguns moradores do bairro e movimentar a economia local.

2 FERNÃO VELHO COMO “PATRIMÔNIO INDUSTRIAL TÊXTIL” DE ALAGOAS

De acordo com a Constituição Federal de 1988, Artigo 216, patrimônio cultural são bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjun-

to, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. O conceito de patrimônio no Brasil, inicialmente estabelecido pela Constituição de 1937, não reconhecia os bens de caráter imaterial como patrimônio e tinha sua definição limitada a apenas bens históricos e artísticos.

Porém, com a mudança na Constituição de 1988, o conceito de patrimônio foi ampliado, incorporando os bens de caráter material e imaterial, estabelecendo outros meios de preservação, como o Registro e o Inventário, além do Tombamento que já era vigente. A mudança na Constituição foi essencial para garantir as gerações futuras conhecer o seu passado, por meio de bens materiais e imateriais que representam a história, cultura, as tradições e identidade do seu povo.

Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia. (LONDRES, 2001, p.5).

De acordo com o Decreto-Lei nº 25/1937, os bens de natureza material são bens palpáveis, podendo ser móveis ou imóveis, cuja preservação seja de interesse público, como edificações, cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos, acervos, documentos, entre outros. Já o patrimônio imaterial, é passado de geração em geração e está relacionado aos saberes, técnicas, práticas, habilidades, manifestações culturais, festas e rituais que fazem parte da vivência de um lugar ou até mesmo locais como mercados e feiras que abrigam práticas culturais coletivas.

O patrimônio cultural é a herança que os moradores possuem de um lugar, a sua preservação contribui para a permanência dos bens em bom estado e, conseqüentemente, asseguram para as gerações futuras o contato com a identidade do local que elas estão inseridas. A preservação desses bens não é somente responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mas também requer zelo e cuidado de todas as pessoas, que são responsáveis também por transmitirem esse patrimônio e deixar um legado para as gerações que virão.

Patrimônio industrial é um conceito mais recente, comparado aos outros grupos de patrimônio existente. Ele surgiu em meados dos anos de 1950 após alguns importantes exemplares de arquitetura industrial mundiais serem demolidos. Com a Revolução Industrial muitas cidades passaram por mudanças arquitetônicas, econômicas, trabalhistas, que marcaram gerações, com isso foi constatada a importância de se preservar alguns exemplos de bens industriais, como parte de uma identidade populacional.

Essa ampliação do bem cultural, englobando os aspectos industriais, se deu de forma tardia no Brasil e até os dias atuais ainda é pouco disseminada, possuindo poucos esforços para tornar esses vestígios de cultura industrial, de fato, patrimônio. De acordo com a Carta de Niezhny Tagil (2003) os edifícios, fábricas, moinhos, máquinas a vapor, as formas de produção, meios de transportes, estrutura e infraestrutura e os lugares aonde foram desenvolvidas essas atividades, como as habita-

ções fazem parte dos vestígios industriais que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico.

A arqueologia industrial é um instrumento que busca investigar os vestígios, materiais e imateriais, de cultura industrial afim de entender como se deu o desenvolvimento das indústrias e a transformação das cidades em consequência desse processo e a importância da sua preservação para a identidade do povo, conservando e preservando a cultura e história do local.

A "Fábrica Carmem" foi implantada no bairro de Fernão Velho em 1857, como Companhia União Mercantil. Na época em que foi inserida se destacou pelo seu maquinário moderno, qualidade de produção e pela relação com os trabalhadores, modificando um cenário escravo para assalariado. Trouxe modernidade e urbanização para o bairro, por causa da sua relevância política e econômica, oferecendo emprego para os moradores, moradia, acesso a saúde, festividades e eventos proporcionados pelo dono da Fábrica.

Devido às inúmeras benfeitorias que a Fábrica trouxe para o bairro e para as famílias ali inseridas, além da forma de vida que foi modificada e as novas tradições adquiridas com a implantação da fábrica, a maioria deles a tem como parte da história e da identidade local. A Fábrica Carmem teve grande importância para o desenvolvimento de Fernão velho e Alagoas, trazendo crescimento e evolução ao bairro na época em que foi inserida.

Como já foi citado anteriormente, os vestígios industriais são considerados patrimônio quando possuem valor histórico, tecnológico, social ou arquitetônico. Com base nessa definição foram analisados os elementos e a importância da Fábrica Carmem para os moradores de Fernão Velho, o que levou a concluir a importância dela para a história do bairro.

De acordo com a Carta de Nizhny Tagil (2003), um dos valores do patrimônio industrial é o valor social como parte do registro da vida das pessoas, gerando um sentimento de identidade e apropriação pelo lugar. Além disso, a preservação do patrimônio industrial representa o testemunho das atividades e técnicas históricas que eram utilizadas. E por ser uma fábrica pioneira no Nordeste, ela deve ser cuidadosamente avaliada e protegida.

A Carta ainda fala sobre a importância de identificar e proteger os vestígios industriais para que as gerações futuras possam ter contato com a história local e fala também sobre a importância de se preservar a memória da população que trabalhou na fábrica ou que teve alguma relação com ela, arquivando em inventários, com fotografias e desenhos.

Depois das análises feitas e de tomar conhecimento das definições de patrimônio industrial, pode-se concluir que a Fábrica Carmem se enquadra como patrimônio industrial têxtil devido a sua relevância na geografia em que está inserida e da sua importância para a história, cultura e identidade do bairro.

3 HISTÓRIA X MEMÓRIA INDIVIDUAL X MEMÓRIA COLETIVA

Seria impossível falar sobre memória e mais especificamente sobre a memória coletiva, sem mencionar a história e a relação dos indivíduos com ela. Desde o pas-

sado, no nascimento das sociedades ocidentais, segundo Le Goff (1996), a ciência histórica se definia em relação à realidade, porém essa realidade é observada de forma totalmente diferente quando vista através de outras ciências. No caso da história se observa por meio do relato de determinados indivíduos, que viram e sentiram tais acontecimentos, os testemunhos que comprovam a história.

Porém, essa forma de comprovação pode ser considerada muito menos objetiva e precisa, já que existem diversos pontos de vista e sentimentos distintos sobre o mesmo fato. Contudo, os relatos desde a antiguidade são registrados em escritos documentados, vale ressaltar que para Le Goff (1996) o documento é monumento e sobretudo questionável e proveniente de análise crítica. O mesmo, afirma que a forma de reunir testemunhos diminuiu as limitações que aconteciam por meio da transmissão oral e desde que as bibliotecas começaram a existir e abrigar tudo que foi documentando, criou-se a possibilidade da disponibilidade de consultas, tornando mais concreto os materiais da ciência histórica.

O afastamento da história vivida da história natural, acabou permitindo o surgimento da filosofia da história. Para ele, desde o início do século passado vem se desenvolvendo a ciência histórica, que estuda a história da história. Dessa forma, diversos historiadores e filósofos desde a Antiguidade e seus primeiros registros, se esforçam para recolher fatos, definir leis e de fato fazer dela uma ciência. Com essas inúmeras tentativas é que vieram as mais diversas teorias, que trouxeram a possibilidade de reflexão e comparação das sociedades e estruturas, causando o que chamou de “alargamento da história do mundo” e que permite que a história não seja novamente vista como apenas um relato sem comprovação (LE GOFF, 1996).

A história e o tempo são impossíveis de serem dissociados, afinal a cronologia é fundamental para a construção histórica, seja ela de uma experiência individual ou coletiva. É o tempo que alimenta a história por meio dos acontecimentos gerados e vividos por indivíduos e suas memórias. Quando se analisa os dados da filosofia histórica se observa a duração do fato e seu tempo de forma subjetiva ou simbólica. Ou seja, é fato que o tempo histórico encontra o tempo da memória e assim é alimentado (LE GOFF, 1996).

É seguindo isso que fica possível se falar sobre história e memória social, se aproximando mais diretamente da relação dos indivíduos que constroem a história. O estudo da memória social é fundamental para abordar as problemáticas do tempo e da história, onde a memória sempre está de alguma forma relacionada a isso, mesmo que sutilmente (LE GOFF, 1996). Vale ressaltar também que a memória social está atrelada e até fundamentada na memória coletiva.

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva se relaciona com a memória histórica, com o tempo, o espaço e principalmente com a sociedade. Ele afirma que ninguém se lembra de nada sozinho, é a sociedade que tem esse papel de lembrar e de fazer viva a memória. “Um homem que se lembra sozinho daquilo que os outros não se lembram assemelha-se a alguém que vê o que os outros não vêem” (HALBWACHS, 1990 p. 228).

A consciência social orientou o pensamento de Halbwachs (1990), ele afirmou que as pessoas são seres sociais que de alguma forma sempre estão confinados a sociedade (HALBWACHS, 2006). Isso pode ser visto como um ciclo natural e invo-

luntário, recebe-se pensamentos e memórias de outras pessoas e enxerga-se muito a partir de referências que foram recebidas, é como se não existisse de fato um pensamento individual único e exclusivo, mas correntes de pensamentos que foram desenvolvidas a partir do pensamento de outras pessoas.

Segundo Halbwachs (1990) é também assim que acontece com a memória, quando se lembra determinada coisa essa memória já surge como um ponto de vista cheio de referências de um determinado grupo do qual se faz parte. Partindo desse princípio, memórias são também influenciadas por grupos, o que levanta o questionamento de que a memória individual é quase inexistente. Halbwachs (1990) chamou de "intuição sensível" o que seria a memória individual genuína, sem influência coletiva o que é quase impossível, mas para o autor não deve ser descartado.

Deve-se levar em consideração que, seguindo isso, desde sempre o indivíduo é influenciado, como por exemplo nas memórias da infância, essas já chegam por meio do ponto de vista do grupo familiar, da sensação e da lembrança de várias pessoas que estavam no momento ou que se recordam do ocorrido. Se um único indivíduo narra um fato onde apenas ele vivenciou o momento, após um tempo vários pensamentos serão questionados se foram de fato como se recorda, já que não existia na ocasião uma outra pessoa para fundamentar e tornar viva a memória do acontecimento, o mesmo não acontece com uma memória coletiva onde se apresentam várias visões sobre o mesmo fato e detalhes do contexto, permitindo que a memória seja sustentada e muito mais detalhada.

Então, pode-se dizer que cada memória individual é um ponto de vista sobre uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Quando se tenta explicar essas diferenças de ponto de vista volta-se a questão da influência dos tantos pensamentos da sociedade. Um estado que parece pessoal e revela complexo e cheio de fragmentos. O autor afirma que essa nossa sensação de unidade aparente é natural. Segundo ele, muitos filósofos mostram que o sentimento de liberdade poderia se explicar por meio do que ele chama de "séries causais" que se combinam para formar uma ação.

A partir disso fica evidente que não pode ser considerada memória coletiva a memória vinda de uma única pessoa, pois são necessários diferentes relatos e pontos de vista distintos sobre o mesmo acontecimento para que com essa junção de memórias individuais se forme uma nova e mais complexa memória, capaz de sustentar a história e tradição de um determinado povo.

São os aglomerados de memórias registradas que fazem com que se tenha acesso a acontecimentos e situações que seriam impossíveis de serem conhecidos caso não existissem registros. É totalmente insuficiente ouvir uma única classe social, ou apenas um grupo de pessoas para entender e coletar fatos de uma cultura que em sua estrutura é formada por vários grupos, com infinitas especificidades e experiências diferentes, ouvindo apenas uma classe ou um determinado grupo de indivíduos muito seria perdido.

Cada memória é relevante, já que cada indivíduo possui seu ponto de vista, sua identidade, suas recordações e vivências distintas. Segundo Le Goff (1996), deve-se tratar a memória para que ela sirva de libertação e não para a servidão dos ho-

mens. Por isso, a memória não deve ser manipulada por um governo, todos os lados precisam ser avaliados criticamente e posteriormente disponibilizados para consulta, mostrando comprovações e embasamento sempre que possível, assim, possibilitando maior veracidade e opiniões coletivas.

Porém, ainda que existam os registros, a memória precisa ser rememorada e não apenas registrada, é preciso que, além de preservada, seja veemente mencionada, mostrada às novas gerações ao passar dos anos para que nada se perca. Já que ao contrário da memória das máquinas, a memória humana é passível ao esquecimento.

Para Halbwachs (2006), a memória existe na medida em que se forma um senso de pertencimento em um grupo, criado pelos laços afetivos que foram desenvolvidos por eles. Já Pollak (1989), acredita que o sentido social da memória e o senso de pertencimento dos grupos favorece a criação de uma identidade, que também está ligada aos espaços e objetos que estão presentes nas memórias. Dentro desse ponto de vista, a identidade se liga à história vivida e diretamente à memória de um determinado grupo social.

4 A MEMÓRIA COLETIVA DO PRIMEIRO BAIRRO FABRIL DE ALAGOAS

Fernão Velho pode ser considerado um lugar de memória, seguindo a perspectiva de Nora (1981), que cita “lugares de memória” como espaços que devem ser construídos para guardar as tradições, vivências e costumes para assim os proteger do esquecimento. Partindo disso e, trazendo as reflexões e conceitos mencionados anteriormente para a realidade do bairro de Fernão Velho, é imprescindível começar pela história do bairro segundo a memória coletiva dos grupos sociais de diversas gerações que lá se encontram.

A memória coletiva de Fernão Velho está viva e presente no bairro, embora muito se tenha perdido desde o fechamento da Fábrica Carmen. A memória e algumas das muitas tradições não foram perdidas. É perceptível na maioria dos relatos sobre os tempos de funcionamento da Fábrica que os trabalhadores lembram com muito carinho e saudosismo daquela época. Embora existam discordâncias com relação a estabilidade econômica em que os trabalhadores viviam, nenhum discorda sobre as histórias felizes vividas.

No local ainda existem diversos moradores que continuam rememorando os acontecimentos e tradições. São detalhes, como as cores e elementos das fachadas das construções, sons como o que as máquinas faziam e segundo moradores antigos davam para serem ouvidos em todo o bairro, o clássico toque da Fábrica, que segundo relatos era o apito que tocava sempre que deveriam acontecer as trocas de grupos de trabalho, apito esse que pontualmente acabava orientando os moradores das horas do dia, o cheiros característicos do lugar, o costume de conversar nas portas das residências e se encontrar na praça no final do expediente etc. Esses e muitos outros detalhes ainda mais sutis estão presentes carinhosamente na memória dos moradores.

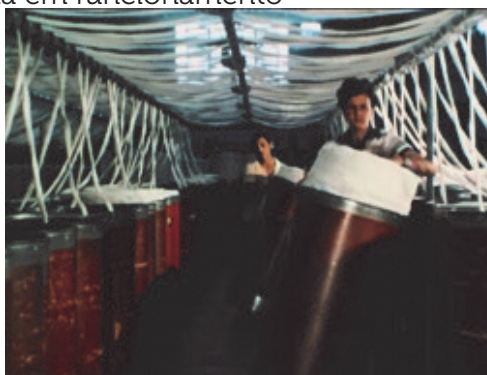
Figura 1 – Operários saindo da Fábrica após expediente

Fonte: Documentário Memória da Vida e do Trabalho. Publicado em: 6 de nov. 2012.

Na imagem apresentada anteriormente é relevante mencionar a diferença entre olhar as imagens antes e depois de ouvir os relatos dos moradores. É interessante que após os relatos, ao observar as imagens, automaticamente se cria a vontade de estar presente naquele momento e ouvir os ruídos e sensações que agora são possíveis de serem imaginados.

Fica comprovada a incrível capacidade que a memória coletiva tem de fazer com que de alguma forma até quem não viveu determinado momento consiga se aproximar de sentimentos e situações vividas anteriormente. É como se fosse possível vivenciá-los tamanha a proximidade que o compartilhamento das memórias possibilita.

É relevante frisar que até mesmo as mudanças que parecem pequenas modificaram completamente a vida dos trabalhadores e moradores. Os mais antigos dizem sentir tanta falta do toque da Fábrica que até hoje os dias da semana e as horas não parecem mudar. O ritmo de vida também foi consideravelmente alterado, embora o bairro sempre tenha sido calmo, as atividades da Fábrica traziam uma rotina bastante ativa, considerada por alguns muito corrida e árdua e por outros tão prazerosa que nem parecia tão cansativa quanto era.

Figuras 2 e 3 – Imagens dos trabalhadores executando suas atividades na Fábrica ainda em funcionamento

Fonte: Documentário Memória da Vida e do Trabalho. Fernão Velho. Publicado em 6 nov. 2012.

Embora as horas de trabalho fossem intensas e as condições nem sempre favoráveis, muitos dos que trabalharam por anos tecendo, engomando ou desenvolvendo alguma das etapas na produção ou funcionamento da Fábrica também narram com muito orgulho as atividades que executavam e demonstram enorme satisfação pela contribuição que davam para os resultados. Olhando de certo ângulo e seguindo o que foi relatado no documentário “História de Fernão Velho” era como se os indivíduos vivessem de fato em função da Fábrica, porém, para alguns isso era considerado bom e para outros apesar dos pontos positivos se enxergava uma situação de domínio.

No documentário alguns demonstram sua insatisfação por conta da relação de dependência que os donos da Fábrica criavam nos trabalhadores, relação que a primeira vista parecia uma ajuda e até mesmo incentivo, como os vales que eram fornecidos quando os trabalhadores necessitavam de algum dinheiro e descontados do salário posteriormente, além disso, era de certa forma cobrada uma exclusividade na prestação de serviço, porém, para complementar a renda muitos depois da carga horária que cumpriam na Fábrica ainda trabalhavam no roçado ou pesca para conseguir sustentar suas famílias.

O fato é que o trabalho fabril em Fernão Velho é impossível de ser dissociado da memória coletiva, pois os trabalhadores passaram boa parte dos seus dias seguindo aquela rotina e criando várias de suas histórias e memórias ali. Mas, além do serviço os donos da Fábrica ofereciam diversas opções de lazer e cultura para os trabalhadores e suas famílias. As memórias atreladas a esses acontecimentos são comentadas por todos com muita satisfação.

Segundo os moradores de diversas gerações que acompanharam o funcionamento da Fábrica na década de 1940, uma de suas épocas mais positivas, eram produzidos tradicionalmente todos os festejos e datas comemorativas, como a grande festa de Natal, Carnaval, festejos juninos e até comemorações mais típicas da cultura local, como apresentações de Pastorais locais, danças folclóricas como Caboclinhos, Cheganças, apresentações de baianas e muitas outras atrações que também eram trazidas de outros locais para enriquecer ainda mais as festividades e possibilitar a troca de culturas.

Figura 4 – Festejos tradicionais do bairro de Fernão Velho, na época em que a Fábrica ainda estava em funcionamento



Fonte: Acervo do morador Plínio Claudenes Alves da Rocha (s.d.).

Figura 5 – Vila Operaria antigamente

Fonte: Documentário Memória da Vida e do Trabalho. Publicado em: 6 nov. 2012.

Figura 6 – Vila Operaria atualmente

Fonte: Acervo pessoal.

Ao comparar as duas fotos anteriores (FIGURAS 5, 6), pode-se notar a diferença estética na fachada das casas da Vila Operária. Embora continuem miscigenadas, os elementos da fachada foram modificados pela maioria dos moradores, adequando as suas necessidades e preferências, diferente do que acontecia antigamente, quando as casas recebiam o mesmo tratamento e seguiam uma mesma linguagem estética de cores e elementos das fachadas. Mas no bairro algumas outras construções tiveram sua estética preservada pelos donos, modificando apenas as cores, alguns optaram por manter todos os elementos da fachada na tentativa de realmente deixar viva a memória do local e eternizar os elementos que também são significativos e contam a história do lugar.

Embora muito tenha se perdido nos últimos anos, alguns moradores ainda lutam incansavelmente pela preservação da memória do local e de tudo que ainda resta. São muitos os que reconhecem a importância da história e se empenham para continuar compartilhando com as novas gerações, buscando desenvolver também nos mais novos um senso de pertencimento pelo local, suas tradições e toda a memória coletiva. Pensando nisso a associação dos moradores e os próprios moradores estão sempre tentando conseguir incentivo dos órgãos públicos para realizar ações no bairro.

Como já foi mencionado anteriormente no relato das visitas, Fernão Velho continua sendo o palco para a abertura do São João de Maceió, no ano de 2019 recebeu atrações e shows que movimentaram o bairro, somente o tradicional “Trem do Forró” que acontece por meio de uma parceria da prefeitura com a CBTU foi cancelado esse ano, mas as outras atrações foram mantidas. Além do festejo junino, nos dias 1, 2 e 3 de agosto de 2019, aconteceu a primeira Festa Literária de Fernão Velho (FLI-FEV), como já citado anteriormente, o evento transformou toda a Praça São José em um espaço de incentivo à cultura, educação e preservação histórica. Acontecimentos como esse são extremamente importantes e tornam cada vez mais possível o desenvolvimento do bairro e sua preservação.

Vale ressaltar ainda que, por conta própria os moradores realizam atividades culturais, como por exemplo a exibição de documentários sobre a história do bairro e apresentação de fotos e de todo o acervo que alguns moradores guardam, iniciativas como essa fortalecem a memória coletiva e permitem uma eterna lembrança, já que por meio disso as novas gerações também entram em contato com todos os acontecimentos e tradições passadas.

Da mesma forma, muitos artesãos locais, participaram da Feira, mostrando como a cultura no bairro é muito relevante e merece ser enfatizada e incentivada. Segundo relato dos próprios moradores existem planos para futuras exposições em Fernão Velho, onde serão expostos os trabalhos de artistas locais, buscando assim trazer mais gente para vivenciar o bairro e dar visibilidade e incentivo aos artistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após quase um ano de pesquisa dedicada ao patrimônio e memória coletiva do bairro de Fernão Velho, foi possível compreender melhor sobre toda história desde que o bairro era o antigo núcleo operário da pioneira “Companhia União Mercantil” (atual “Fábrica Carmen”) até o fechamento da Fábrica e como isso interferiu diretamente na vida dos moradores e no funcionamento do bairro. Foi possível também entender os elementos da cultura industrial e comprovar que se pode de fato caracterizar o bairro como patrimônio industrial têxtil de Alagoas.

Por meio da aproximação da história, vivência no local e dos relatos informais de seus moradores ficou evidente a força e importância da memória presente no bairro de Fernão Velho e como muitos de seus moradores tentam preservar e lembrar as memórias, tradições e cultura riquíssima do local. Esse contato permitiu aplicar os conceitos de memória, principalmente coletiva, que foram levantados pela bibliografia, iconografia e áudio visual e fazer uma análise totalmente fundamentada no que foi visto no bairro, relacionando com a realidade local. Foi possível também identificar os problemas e potenciais do bairro, levando sempre em consideração o sentimento dos moradores diante das mudanças e adequações que tiveram que fazer para viver a nova realidade.

Percebeu-se que, embora todos relatem a insatisfação por conta do futuro indefinido do prédio da Fábrica e que mencionem alguns pontos negativos como o

abandono por parte das políticas públicas que acaba dificultando o bom funcionamento do bairro, a maioria dos moradores relata gostar bastante de morar no local, principalmente pela tranquilidade e por todas as histórias de diversas gerações que continuam de alguma forma presentes. É visível que apesar das inúmeras mudanças que aconteceram com o fechamento da Fábrica, tanto na dinâmica do bairro quanto da vida dos moradores, por parte de muitos ainda se preserva o mesmo sentimento que se tinha nos melhores anos de funcionamento da Fábrica.

SOBRE O TRABALHO

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada entre 2018-2019 como Iniciação Científica de duas alunas do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), sob orientação da profa. Dra. Mônica Peixoto Vianna (e-mail: monica_vianna@yahoo.com) e que teve o apoio do programa PROVIC para a sua realização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25** de 30 de novembro de 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0025.htm. Acesso em: 10 jun. 2019.

CARTA DE NIZHNY TAGIL sobre o patrimônio industrial – TICCIH, 2013. Disponível em: www.ticcih.org. Acesso em: jan. 2019.

CONSTITUIÇÃO Federal de 1988. **Artigo 216**. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_as. Acesso em: 10 jun. 2019.

DOCUMENTÁRIO memória da vida e do trabalho – Parte 1. **Estrela do Norte**. Publicado em 6 de nov. de 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y8JT_SWJiOI&t=93s. Acesso em: 20 jul. 2019.

DOCUMENTÁRIO memória da vida e do trabalho – Parte 2. **Estrela do Norte**. Publicado em 12 de nov. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q1nWXTTrVJs&t=187s>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/AL (1953-1962)**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 26 out. 2018.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996

LONDRES, Cecília (org.). Patrimônio Imaterial. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 147, out./dez. 2001.

MARINGONI, Gilberto. **História**: império de crises. Disponível em: http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2572:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 17 fev. 2018.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. Tradução: Yara AunKhoury. Projeto História. São Paulo: PUC, 1981.

PAIVA FILHO, Arnaldo. **Rio Largo**: cidade operária. Maceió: SENAI/AL, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

SILVA, J. D. do N.; PALMEIRA, Maria Verônica L. Heranças e Transformações de um Bairro Industrial: o caso de Fernão Velho, Maceió-AL. Seminário de Patrimônio Agroindustrial - Lugares de Memória, 2, 2010. **Anais [...]**, São Carlos, 2010. p.1-16.

TICIANELI, Edberto. **O Natal de Félix Lima Júnior em Bebedouro**. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/o-natal-de-felix-lima-junior-em-bebedouro.html>. Acesso: 10 jan. 2019.

Data do recebimento: 15 de junho de 2020

Data da avaliação: 23 de setembro de 2020

Data de aceite: 23 de setembro de 2020

1 Egressa do curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Tiradentes – UNIT.

E-mail: deboranoliveira0901@gmail.com

2 Egressa do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT.

E-mail: joycecavalcantepantaleao@gmail.com

3 Professora Titular do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT.

E-mail: monica_vianna@yahoo.com